



## PERSPECTIVAS HISTÓRICO-LITERÁRIAS DA OBRA “LA GRAN CONQUISTA DE ULTRAMAR” DE AFONSO X (1221-1284)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4034

Elaine Cristina Senko Leme, UNIOESTE

### Resumo

Filho de Fernando III (1201-1252), grande expoente das conquistas cristãs na Península Ibérica do século XIII, Afonso X (1221-1284) investiu de modo consistente, ao longo de seu reinado, de 1252 a 1284, no patrocínio ao saber, à intelectualidade. Não é por menos, recebeu o epíteto de “o Sábio”. Trata-se, claro, de uma construção política. O monarca visava, através dessa imagem idealizada, reforçar a sua legitimação no poder, dentro de um ambiente ibérico que se caracterizava pela pluralidade de culturas. Propomos aqui analisar as principais características de uma de suas obras do período, “La Gran Conquista de Ultramar”, ainda não muito estudada pelos medievalistas afonsinos brasileiros. Sua composição se iniciou no governo de Afonso X, sendo finalizada somente durante o governo de seu filho, o posterior rei Sancho IV (1258-1295). Como procedimento de análise, vamos apresentar e debater a estrutura, rastreando os principais temas trabalhados na fonte. Na sequência, como ponto específico de análise, discutiremos como a questão das “Cruzadas” surge representada no pensamento ibérico. Portanto, atuando entre a história e a literatura medieval, procuraremos abordar os principais aspectos dessa narrativa e qual a sua importância para o corpus afonsino medieval. Tudo isso sem perder de vista as demandas políticas da época, que urgiam pela estabilização e manutenção da sociedade cristã.

### Palavras Chave:

Afonso X; Sancho IV;  
Ultramar; Castela;  
Cruzadas.

O debate sobre a obra *La Gran Conquista de Ultramar* está presente nos estudos afonsinos, tornando-se um texto ainda a ser melhor explorado pela historiografia brasileira. De importância histórica, a referida fonte trata sobre a temática das Cruzadas, com destaque para o primeiro movimento dos nobres cristãos versus os muçulmanos, sendo dividida em quatro livros.

Apresentando narrativas cavaleirescas de tradição francesa e germânica, foi resgatada no reino de Castela, por conta de um interesse especial da parte de Afonso X (1221-1284). Lembremos que este monarca era sobrinho de Luís IX e filho de Beatriz da Suábia, assim entendemos, através dos laços familiares, a presença de ambas as tradições, francesa e germânica, na família de Afonso X.

A fonte teve o seu momento de tradução sob o reinado de Afonso X e sua formatação mais completa sob o reino de seu filho Sancho IV (1258-1295). Foi Sancho IV que divulgou a obra que estava sendo traduzida da língua francesa para a castelhana sob seu pai Afonso X.

A construção narrativa da obra apresenta-se na forma de uma crônica, tratando a respeito dos feitos da cavalaria quando da conquista pelos cruzados de Jerusalém. Estão presentes aí, advindas da tradição franco-germânica, três histórias: o Cavaleiro do Cisne, Mainete (sobre Carlos Magno) e Berta a dos grandes pés (sobre a mãe de Carlos Magno, Berta de Laon). Os quatro livros possuem as seguintes temáticas. Livro I: sobre o começo da Primeira Cruzada (1096) e a associação da fábula do Cavaleiro do Cisne com a biografia do nobre Godofredo de Bulhão (1058-1100); Livro II: sobre a conquista de Antioquia; Livro III: sobre a conquista de Jerusalém e a posição de rei de Godofredo de Bulhão; Livro IV: últimos momentos da primeira cruzada e a preparação para a segunda cruzada.

As principais fontes que inspiraram a construção de *La Gran*

*Conquista de Ultramar* são as seguintes: a narração homônima de Guilherme de Tiro (1130-1185), cantares de gesta do ciclo carolíngio (Mainete e Berta), poemas franceses como a *Canção de Antioquia* e da *Conquista de Jerusalém* e relatos biográficos de Godofredo de Bulhão, em que aparece a fábula do Cavaleiro do Cisne, assim associando a figura desse nobre com um passado mítico.

Sobre a fábula do Cavaleiro do Cisne, esta foi uma das histórias mais conhecidas na corte afonsina. O Cavaleiro do Cisne seria um antepassado mítico de Godofredo de Bulhão, e nos relata sobre a época de juventude e depois de maturidade do referido nobre. Na narrativa temos, entrelaçados, elementos do fantástico, no sentido utópico e do maravilhoso, do fascínio.

O relato sobre o Cavaleiro do Cisne aparece já no capítulo LXVII (47) da fonte. A partir daí podemos verificar a saga das chamadas “crianças cisnes” (humanos que experimentam a metamorfose em animais) e das aventuras do cavaleiro denominado Cavaleiro do Cisne, este também associado ao conto do chamado “ciclo das Cruzadas”, com Lohengrin, que faz parte do “ciclo arturniano”. A mescla dos dois ciclos formou a parte inicial do livro I da fonte aqui estudada. *La Gran Conquista de Ultramar* é uma tradução feita de recolhas da literatura cavaleiresca medieval e é aí que reside sua importância para o estudo da memória identitária daquela cultura.

A narrativa fabulosa, construída como parte da crônica histórica, destaca a figura de Godofredo, muito provavelmente por este ter sido um dos mais importantes líderes das Cruzadas. Foi ele que organizou a sociedade (tendo uma posição de líder laico e não assumidamente de rei). Tinha uma descendência de origem ligada a Carlos Magno, e era um nobre cavaleiro não primogênito, contra a submissão do poder temporal ao espiritual do Papado. Todas essas características de importância

histórica fizeram de Godofredo um dos personagens mais escolhidos – ao lado de seu irmão Balduino, rei de Jerusalém - para ser cantado e ouvido pelos medievais do século XIII. A longa duração de sua biografia, associada aos elementos míticos do Cavaleiro do Cisne, fizeram dele uma das imagens heroicas a serem mais seguidas na Cristandade Latina (Cap. LXVIII, Ultramar).

Ocorrem aproximações da lenda do Cavaleiro do Cisne com a de Lohengrin. A lenda franco-germânica esteve presente na corte de Castela no século XIII e também na produção musical de Wagner (séc. XIX)<sup>1</sup>. Existem variações entre as narrativas e alguns pontos em comum, cabe destacar. Para o estudo medieval, sabemos que a lenda do Cavaleiro do Cisne nos prepara para o início das Cruzadas dos Nobres. Para o conto medieval, temos a seguinte narrativa: a infanta Isomberta, não aceitando o casamento que os seus pais ordenaram a ela, foge de casa, adentra um barco e chega num local onde está caçando o conde Eustácio. Quando Isomberta chega no local, os cães de caça de Eustácio a perseguem, e assim ambos se encontram. Eustácio acaba casando com Isomberta, mas a madrasta do conde não a aceita. Quando o conde vai para uma guerra, Isomberta acaba dando a luz a sete crianças. Cada um deles recebeu um colar de ouro de um anjo. A madrasta, aproveitando que o conde não estava presente, manda matar a nora e os seus filhos. O cavaleiro encarregado para matar as crianças não o faz, e envia as crianças em segredo para que uma serva e um eremita cuidem delas.

Após um tempo a madrasta os descobre e quando tenta matar as crianças,

ocorre a magia: quando elas retiram seus colares, se tornam cisnes, voando e fugindo daquele lugar. Uma das crianças, que não estava ali no dado momento, também sobrevive, mas não se torna cisne. Seus irmãos-cisnes acabam morando perto dele e do eremita que os criou, num lago próximo. Isomberta, se deparando com os colares caídos, recolhe todos; e transforma um deles em um cálice.

Depois de voltar da guerra, Eustácio, convencido pela madrasta a respeito da validade de uma antiga lei<sup>2</sup>, sinaliza o fim trágico daquela sua esposa. Porém, caso algum cavaleiro aparecesse para defender a honra daquela mulher, uma luta seria travada contra o acusador. O eremita, então, recebe uma mensagem de um anjo que o convence de avisar o único irmão, que não se transformara em cisne, para defender sua mãe em perigo. Assim o único irmão ainda em forma humana consegue defender sua mãe e trazer a verdade à tona, de que é um dos príncipes do conde. A madrasta foi acusada e julgada por seu crime, sendo emparedada.

O conde manda que lhe tragam seus filhos-cisnes, e que coloquem novamente os colares neles. Porém, como um dos colares acabou sendo derretido para formar um cálice, um deles continuou cisne. Este, junto ao seu irmão cavaleiro, tornaram-se companheiros de aventura.

Uma das damas defendidas na saga pelo Cavaleiro do Cisne foi a duquesa de Bulhão, dona Beatriz. Essa que se tornaria sua esposa, não poderia nunca lhe perguntar seu verdadeiro nome e origem. Tal fato acaba ocorrendo, pois era Beatriz muito curiosa sobre os feitos do seu marido cavaleiro contra os saxões.

---

<sup>1</sup> Na ópera de Wagner em três atos, Lohengrin é o cavaleiro que defende a princesa Elsa da falsa acusação de ter assassinado seu irmão. O cálice sagrado do Santo Graal é a fonte dos poderes do Cavaleiro do Cisne/Lohengrin e isso apenas ocorre mediante ninguém perguntar seu nome e origem. Pode-se ouvir a ópera no seguinte

endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZMZOumyKxXE> (acesso em 08/09/2017).

<sup>2</sup> Uma mulher deveria conceber uma criança de cada vez; e caso fosse ao contrário, era adúltera.

Figura1: Lohengrin é uma versão do Cavaleiro do Cisne. Ele é filho de Parsifal, um dos cavaleiros do rei Arthur. Lohengrin de August von Heckel (1886)<sup>3</sup>.



Por conta da descoberta de Beatriz, o cavaleiro e seu irmão-cisne vão embora. Tal conto tem paralelismo ao de Lohengrin, filho de Parsifal, em busca do cálice sagrado (PERALTA SOSA, 1997, p.23-26). Em ambas as narrativas Godofredo está presente. Devemos destacar no conto medieval a transmutação homem-animal / animal-homem, que também fazia parte de uma tradição muito estudada na corte afonsina, a chamada tradição sapiencial.

Por conta disso vamos analisar dois momentos da fonte, o propósito da obra com o Prólogo e um dos capítulos míticos incluídos na narrativa histórica sobre o Cavaleiro do Cisne. Seguimos nesse sentido para uma análise dos elementos apresentados no Prólogo de La Gran Conquista de Ultramar:

Aquí comienza el noble Prólogo de La Gran Conquista de Ultramar. Nuestro Señor Dios, cuando formó el hombre á su imágen é semejanza puso en él entendimiento para saber é conoscer todas las cosas. E porque esto pudiese saber mas

complidamente dióle cinco sentidos, así como ver, oír, oler, gustar e tentar. E estos cinco sentidos se ayudan unos á otros; que el oír torna en ver, así como la cosa que oye hombre decir, é despues ve la que es así; é el ver en oír; que muchas cosas ven el hombre que las conosce por lo que oye decir, que de otra manera no sabria qué eran. E así es de los otros sentidos, que como quier que cada uno sea sobre sí, todos se tienen é ayudan unos a otros, é ayudan al hombre á ver é a entender con la razón que puso Dios en él porque supiese discernir las cosas. E como quiere que estos cinco sentidos sean todos muy buenos, é los sabios antiguos fablasen en ellos, é departiesen de cada uno las bondades que en él había, en fin tuvieron que el oír es mas necesario al saber é entedimiento del hombre, porque aunque el ver es muy buena cosa, muchos hombres fueron que nascieron ciegos, é muchos que perdieron la lumbre despues que nascieron, que deprendieron é supieron muchas cosas é hobieron su sentido complidamente; é esto les causó el oír, que oyendo las cosas é faciéndolas entender las deprendieron tan bien ó mejor como otros muchos que hobieron sus sentidos complidos; é muchos otros que tuvieron los otros sentidos complidos, por el oír que les faltó perdieron el entendimiento, é algunos dellos la habla, é no supieron ninguna cosa, é fueron así como mudos; é demais, por el oír conosce hombre á Dios é los santos é las otras cosas muchas que no vió, así como si las viesse. E pues que tan gran bien puso Dios en este sentido, mucho deben los hombres obrar bien con él, é trabajar siempre de oír buenas cosas é de buenos hombres, é de aquellos que las sepan decir é oír los libros é las historias de buenos fechos que ficieron los hombres

<sup>3</sup> Imagem: <https://goo.gl/VHwtPJ> (Acesso em 08/09/2017).

buenos antepasados. E aquel que esto ficiere, ayudarse ha bien del sentido del oír. Por ende, nos don Alfonso, rey de Castilla, de Toledo, de Leon é del Andalucía, mandamos trasladar la historia de todo el fecho de Ultramar de cómo pasó, segun lo oimos leer en los libros antiguos, desque se levantó Mahoma hasta que el rey Luis de Francia, hijo del rey Luis é de la reina doña Blanca, é nieto del rey don Alfonso de Castilla, pasó á Ultramar, é punó en servir á Dios lo mas que él pudo. El prólogo se acaba, é comienza el primero libro<sup>4</sup>.

Vejamos, o Prólogo apresenta uma discussão interessante sobre os cinco sentidos, reforçando que devemos explorar ao máximo nossas potencialidades. O entendimento sobre a vida é destacado com muita ênfase, tendo condições perfeitas ou não dentro dos sentidos. O autor do Prólogo parece instigar o esclarecimento através do conhecimento preciso dos fatos, destacando inclusive que os autores clássicos já sabiam disso. Reitera-se, portanto, a importância de se consultar os livros antigos e os exemplos bem sucedidos do passado.

O sentido de ouvir é também ressaltado, seja para o bem aprender ou para guardar o ensino (vide sobre a “alegría de aprender ouvindo”, em AFONSO X. Partida II, Título V, Ley XX. Las Siete Partidas). Além disso, indica o patrocínio da tradução da fonte ao rei Afonso X. Reforça-se a conexão das famílias reais castelhana com a francesa, lembrando os antepassados do rei.

Na sequência, como estudo especial, vamos apresentar e analisar um dos capítulos de La Gran Conquista de Ultramar, que trata sobre as aventuras do Cavaleiro do Cisne, intitulado “Capítulo CXII. Del sueño que sueño el caballero del

Cisne, é del consejo que le daba su mujer”. Lembrando que a fábula fazia parte da crônica histórica medieval, pois ela legitimava reis e movimentos militares como as Cruzadas. Vejamos o texto:

Una noche acaesció que el caballero del Cisne yaciendo en su cámara en Bullon en su cama dormiendo, cerca su mujer, la Duquesa, comenzó de soñar un sueño muy extraño é mucho espantoso; é era tal, que él tal, que él veía en derredor de Bullon, crescer á deshora muy grandes montañas de árboles, é de la una de aquellas montañas salían cuatro leones muy grandes é muy corredores, é del otro monte salían tres osos muy grandes é muy bravos á muy gran maravilla, é dos dragones que volaban, de que él había gran miedo; e en pos destos venían mastines é alanos é galgos é otros canes, tantos é de tantas maneras, que toda la tierra cobrian, é pasaban por fuerza por medio de sus villas é de sus castillos é de sus logares; así que, le semejaba que todo lo derribaban, é que non dejaban en pié iglesia nin casa nin fortaleza ninguna; é despues que esto habían fecho, venían derechamente á Bullon é querían-la entrar por fuerza; é él, quando los vió venir, armá-base é cabalgaba en su caballo é salía contra ellos, é no levaba en su compañía mas de cien caballeros, é feria con su espada al primero leon qu fallaba de aquellos, de tan gran golpe, que le cortaba la cabeza; é los otros leones trababan dél tan fieramente, que se non podía defender que no diesen con él en tierra de su caballo; é veía todos sus hombres matar é despedazar; así que, de los ciento que con él salieran, no fincaban ende veinte; é despues veía cómo venían á él los leones é los osos todos en uno por despedazarle, é los dos dragones, que le querían sacar los ojos de la

---

<sup>4</sup> AFONSO X. Prólogo. **La gran conquista de Ultramar**. In: Biblioteca de autores españoles,

desde la formación del lenguaje hasta nuestros días. Madrid: Ediciones Atlas, 1951, p. 1.

cabeza; así que, del pavor que hobo desto fué muy espantado; é la Duquesa, su mujer, que estaba despierta, lo comenzó de abrazar é de besar é á preguntarle qué hobiera; é él respondióle que viera una gran vision; mas que primero lo queria decir á Dios, que sabia que le daria ahí consejo, é despues que lo diria á ella. Cuando esto hobo dicho, estovo así una gran pieza rogando à Dios, é despues contó la vision, é despues fizo sus oraciones; é desí contólo á la Duquesa, su mujer, así como ya oistes; é cuando ella lo oyó, hobo muy gran pesar en su corazon é comenzó á sospirar muy de récio, é dijo así al caballero del Cisne, su marido: "Señor, quanto yo entiendo en este sueño no es ál sino los de Sajoña que vernán con gran poder, é tomarvos han esta tierra, si non habédes acorro é ayuda con que la amparar; é por ende, ternia por bien yo, si lo vos por bien toviédeses, de decir al Emperador que vos acorriese; ca esto no entendádes que es sueño, mas vision cierta que vos Dios quiso mostrar por vos guardar de dano é de deshonra é por vos apercebir en vuestro fecho". El caballero del Cisne le respondió así: "Amiga, todo eso podría ser verdad que vos decídes; mas empero bien creo que ante lo sabrémos que esto fuese, ni que ellos de allá saliesen; é demás, no me parece buen seso de arrebataros así por sueño ni por señal de otra vision, ni sería buena demanda por sola esta sospecha, sin mas ser ciertos deste sueño qué sea"<sup>5</sup>.

O referido capítulo explana bem como os medievais viviam o mito, a crença em algo da esfera do maravilhoso. O sonho relatado pelo Cavaleiro do Cisne revela bem isso. Numa noite o Cavaleiro do Cisne estava dormindo perto de sua esposa<sup>6</sup> quando teve um sonho muito

espantoso. Nele, havia a seguinte moldura narrativa: nas proximidades de Bulhão (um senhorio na região da atual Bélgica) existiam duas montanhas de grandes árvores; de uma delas, saíram quatro leões grandes, que corriam muito; três ursos muito grandes, bravos e maravilhosos; dois dragões que voavam, dos quais o cavaleiro tinha muito medo; e também uma grande quantidade e variedade de cães, que passavam com força por meio das suas vilas, de seus castelos e dos seus lugares. Na sequência, eles apareciam derrubando tudo, não deixando de pé nem igrejas, nem fortalezas, e seguiam diretamente para Bulhão para entrarem com toda força possível.

Ainda dentro do sonho, quando o Cavaleiro do Cisne tomou conhecimento disso, armou-se e cavalgou com o seu cavalo para o enfrentamento, levando consigo menos de cem homens armados. E feriu com sua espada o primeiro leão cortando sua cabeça; os outros leões eram tão ferozes que ele deveria descer do cavalo para enfrentá-los. E foi uma batalha feroz, pois dos cem cavaleiros que vieram com ele, somente sobraram vinte. E esses que sobraram tiveram que enfrentar o horror dos ursos, do restante dos leões e dos dragões, e assim ficaram muito assustados. E por consequência, o Cavaleiro do Cisne estava tão assustado sonhando tudo isso que sua esposa se pôs a acalmá-lo com abraços e beijos.

Quando o cavaleiro acordou, disse a sua esposa que teve uma “grande visão”, mas que desejava contar tudo primeiro a Deus, e também rezar. Após, ao finalmente contar para a esposa, ela o olhou com muito pesar em seu coração e começou a suspirar, aconselhando o marido a encarar o sonho como algo político com relação ao poder da Saxônia e por consequência do Império Sacro

<sup>5</sup> AFONSO X. Capítulo CXII. Del sueño que soño el caballero del Cisne, é del consejo que le daba su mujer. **La gran conquista de Ultramar**. In: Biblioteca de autores españoles, desde la

formación del lenguaje hasta nuestros días. Madrid: Ediciones Atlas, 1951, p. 73.

<sup>6</sup> Sabemos pela narrativa que se intitulava duquesa de nome Beatriz aparentada do imperador Otto

Romano Germânico. O poder dos duques da Saxônia iriam tomar o que era do cavaleiro, suas terras, por exemplo; assim, ele deveria falar com o imperador, dizendo que teve essa visão de Deus (não mencionando se tratar de um sonho), garantindo assim a resguarda do reino. Entretanto o cavaleiro nega o conselho da “amiga” / companheira, dizendo que tudo isso podia ser verdade, mas não podemos seguir adiante apenas como sinais de sonhos e apenas suspeitas. Sabemos que no próximo capítulo sua esposa estava certa no aconselhamento, dado e que os duques da Saxônia conquistaram as terras do cavaleiro em Bulhão.

E claro que depois disso ocorreu a revanche do cavaleiro contra os referidos duques. Interessante nesse excerto da narrativa a abertura para a opinião feminina dentro de um universo masculino da cavalaria. Além disso, a fala da duquesa sinaliza a voz da razão, a qual o Cavaleiro do Cisne refutou inicialmente e que deu margem para a derrocada do seu senhorio. Destaque também para as imagens das casas medievais associadas aos animais mais ferozes e míticos. Esse capítulo mostra bem a preocupação do duque/cavaleiro com o seu senhorio, como ele fica atormentado com o sonho revelado e como para os medievais era importante vivenciar ainda o mito como elemento fatídico.

Sabemos por conta da narrativa cavaleiresca que Ida de Lorena foi filha do Cavaleiro do Cisne e mãe de Godofredo de Bulhão. Essa associação com um passado mítico cavaleiresco com o Cavaleiro do Cisne e imperial através de Ida e antes com a duquesa Beatriz aparentada de Otto I (séc. X), ou seja, pela linhagem feminina também é muito próximo do que ocorreu com Afonso X.

Podemos refletir a aproximação das biografias. A herança política do jovem príncipe Afonso era de se admirar:

Fernando III (1201 – 1252) fora educado nas artes militares desde sua infância, tornando-se um dos maiores símbolos da expansão cristã dos territórios islâmicos na Península Ibérica. Já a mãe de Afonso X, a Rainha Beatriz da Suábia (1202-1235), era pertencente à distinta família dos Hohenstaufen por laço paterno, e com Império Bizantino por laço materno; ou seja, com as dinastias cristãs mais destacadas no Ocidente e no Oriente. No futuro, uma das aspirações nutridas por Afonso X seria se tornar, para além de rei de Leão e Castela, Imperador do Sacro Império Romano Germânico; vontade esta vinculada à origem de sua mãe e às possibilidades que este ramo materno poderia lhe oferecer em termos de uma maior projeção política.

Portanto, Afonso X, um rei que desejava o poder imperial e que admirava a produção erudita, nos legou obras vertidas para o castelhano de várias origens, desde textos greco-árabes às canções germano francesas; demonstrou, assim, como a diversidade fazia parte de seu governo, mantendo também intensa preocupação com a preservação da memória, como forma de identidade para si e seu reino. A obra *La Gran Conquista de Ultramar* pode ser compreendida nesse sentido também, demonstrando a importância do entrelaçamento da Literatura com a História na Península Ibérica do século XIII.

## Referências

AFONSO X. **La gran conquista de Ultramar.**

In: Biblioteca de autores españoles, desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias. Madrid: Ediciones Atlas, 1951.

AFONSO X. **Las Siete Partidas.** Glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez. Salamanca: Boletín Oficial del Estado, versão de 1555, edição de 1576.

PERALTA SOSA, **La leyenda del “caballero del cisne” en la España medieval y en le Alemania de Wagner.** Puertas a la lectura, n. 3, p.23-26, 1997.